

Epílogo

O processo que fez Carmen Miranda chegar em 1939 como um ícone da música brasileira ainda conta com um episódio muito importante na carreira da atriz. Em meio ao lançamento do filme “Banana da Terra”, do qual a intérprete participou, outra novidade parecia agitar o mundo cultural carioca: o governo de Getúlio Vargas, em pleno Estado Novo promoveu um evento que seria o primeiro a reunir os cantores de samba sob a aprovação do governo. Esse evento oficial recebeu o nome de “O Dia da música popular brasileira”. A repercussão pode ser atestada por uma reportagem publicada no *Jornal do Brasil* que tentava descrever “o que foi a festa da Música Popular Brasileira no recinto da Exposição do Estado Novo”:

“Uma multidão calculada em mais de 200.000 pessoas aplaudiu os intérpretes e compositores.

Alcançou o maior êxito, excedendo toda expectativa, a Festa da Música Popular Brasileira, ontem realizada no recinto da Exposição Nacional do Estado Novo e promovida pelo Departamento Nacional de Propaganda. Uma multidão calculada em mais de duzentas mil pessoas, encheu todo o recinto, oferecendo um espetáculo inédito em festas desse gênero. (...)

O desfile teve início às 20 horas. Carmen Miranda foi a primeira a aparecer. Aclamações partem de todos os lados à festejada star do nosso broadcasting.”¹

Uma iniciativa do Departamento de Imprensa e Propaganda, então sob os cuidados de Lourival Fontes, esse dia reuniu os artistas mais conhecidos do rádio no momento. Esse evento marcava a tentativa de incorporação de uma música já difundida aos ideais propostos pelo período intitulado de Estado Novo. Este era o primeiro evento com tal característica, e o número de espectadores demonstrava o sucesso que tais artistas já gozavam. A grande adesão do público a tal evento

¹ *Jornal do Brasil*, 05 de janeiro de 1939. p. 5.

sugere que o próprio governo utilizou a música e tudo o que com ela se relacionava para dar visibilidade às suas ações. A quantidade de espectadores aproximou os admiradores desse ritmo aos representantes do Estado. Dentre os artistas citados, Carmen Miranda já era uma estrela capaz de mobilizar multidões como essa. Segundo Mônica Pimenta Velloso o governo promovia nesses encontros concursos da melhor música ou marcha e os divulgava no horário oficial do governo na rádio: a Hora do Brasil. Essa era uma forma de atrair ouvintes que aguardavam pelo resultado apurado na sede do Departamento de Imprensa e Propaganda².

Importa perceber que nesse período Carmen já aparecia como uma das representantes da chamada música popular brasileira. Na contramão da marginalização e punição outrora destinados às manifestações musicais que vinham das casas das tias baianas no início do século XX, esse momento marca a adesão do Estado – movimento que parecia inevitável dado a todas as formas aqui já demonstradas de aceitação do público com a música e seus representantes – àquilo já internalizado no seio da população. Apesar das afirmações que julgam esse momento como ponto de partida da transformação do samba na música popular brasileira, a notícia marca o movimento oposto. Esse foi o ponto de chegada, em que já internalizadas no gosto da maioria da população, o samba, seus representantes e seus admiradores formariam o elo entre chefe de governo e seus possíveis eleitores.

Se essa forma de expressão passava a ser incorporada pelos órgãos oficiais como marca cultural do Brasil, o momento de demonstrar isso perante os outros países ainda estava por vir. A coroação do ritmo em símbolo nacional pode ser percebido em uma notícia sobre “a música brasileira na exposição de Nova York” publicada apenas alguns meses depois, no Diário de Notícias:

“Quando se reúne em Nova York um mundo de gente de todos os continentes e quando essa gente procura alongar as suas vistas pelas fronteiras afora, julgando os países com a sua cultura e o seu progresso através daquilo com que cada um se faz representar, é interessante observar como nos temos preocupado em expor a nossa musica popular, na Exposição Internacional Americana.

² Mônica Pimenta VELLOSO. “Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo”. In: Jorge FERREIRA; Lucilia de Almeida Neves DELGADO. O Brasil republicano. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. (v.2)

Já voou para lá Romeu Silva e a sua orquestra, Carmen Miranda e o Bando da Lua também já rumaram ao país do Tio Sam, levando as mais recentes produções da música dos morros.

(...) Compreendemos que Carmen Miranda, Romeu Silva e o “Bando da Lua”, despertem curiosidade no meio daquela multidão cosmopolita. A novidade é, hoje em dia, aquilo que mais atrai a atenção. E a nossa música é curiosa, porque é única.”³

A Feira Internacional de Nova York, evento ao qual a notícia se refere, abriu as portas aos países para que mostrassem suas novidades tecnológicas. Pretendiam com isso criar uma imagem de futuro otimista para o progresso material. Com início em abril de 1939, o pavilhão brasileiro, projetado por Lúcio Costa e Oscar Niemayer, levou como representantes do Brasil àqueles artistas da chamada “música popular”⁴. Esse momento marca não só a aproximação política e cultural dos países vizinhos como a incorporação do Estado das idéias construídas ao longo de anos de experiência. Se foi ao encontro do projeto modernista, que buscou incorporar as características peculiares do brasileiro às novidades pelo mundo para destacá-lo no cenário internacional, esse movimento foi, para além, um resultado do encontro das tendências que se afirmavam no carnaval de cada ano que passava. Músicas que outrora eram restritas ao universo dos morros, se tornaram, nesse momento, artigos de exportação. Porém, o jornalista parece estranhar a opção de levar como representantes do Brasil na Feira os intérpretes de samba. Isso demonstra um debate ainda longe de ser homogêneo. Em suas indagações, o noticiário desconfia da qualidade musical desses artistas no cenário internacional justamente por fazer parte do tipo de musicalidade difundido no seio de trabalhadores comuns. Porém, a despeito do desconforto ao narrar, não deixa de confirmar que essa era a marca que destacaria o país frente aos outros, porque apenas o Brasil possuía uma musicalidade como aquela.

A participação de Carmen Miranda na Feira de Nova York marcava um movimento duplo na carreira da intérprete. Ao mesmo tempo em que representaria o Brasil na América do Norte, estava de partida para a terra do Tio Sam para construir sua carreira sobre novos pilares: a tentativa de se juntar ao rol dos

³ *Diário de Notícias*, 06 de maio de 1939, p.9.

⁴ Cf. Antônio Pedro TOTA. *O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da segunda guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

artistas mais conhecidos do mundo. Na ocasião, recebeu um convite de um produtor norte-americano para tentar carreira em solo internacional, e a Feira marcaria a despedida da cantora como pérola exclusivamente brasileira⁵. No dia 5 de maio de 1939 os jornais e revistas relatavam a saída de Carmen Miranda do país:

“Por mais que se procure carregar nas tintas da narrativa, não se pode dar uma ideia do que tenha sido o delírio popular no embarque da cantora patricia. A multidão rompeu o cordão de isolamento, desobedeceu todas as ordens de bordo, bloqueou o automóvel de Carmen e foi preciso que se providenciasse energicamente para que a criadora do ‘O que é que a baiana tem?’ conseguisse atingir as escadarias do vapor. E mesmo a bordo, ainda necessitou-se trancar a famosa vedeta em um elevador para que não a esmagassem na ruidosa consagração.”⁶

A agitação narrada pelo jornalista e a presença da multidão tinham um motivo específico. Dessa vez Carmen não partiria em turnê pela América Latina, não faria um show e voltaria para os braços do público que a consagrou. A intérprete seguia para a carreira internacional nos Estados Unidos da América. Participaria da Feira internacional e estabeleceria residência no país vizinho. Essa notícia demonstrou o impacto que envolveu sua partida, que após sua configuração de baiana estilizada, não deixou de atrair os diferentes públicos e nem de despertar opiniões controversas. Embora tivesse criado uma imagem elitizada, Carmen não deixara de ser popular. A intérprete contava com a aprovação e entusiasmo dos diferentes setores da sociedade, o que demonstra que seu diálogo com o público era efetivo à medida que alcançou tamanha popularidade. Uma pista sobre os motivos de tal sucesso nos é dada pela própria cantora, em entrevista concedida ao Diário de Notícias dia 29 de abril de 1939, antes de sua partida.

“- Vou botar tempero brasileiro no gosto e no ‘goto’ daquela boa gente...Nos meus números não vai faltar nada: canela, pimenta, dendê, cuminho...Vou levando vatapá, caruru, mungunzá, balangandãs, acarajé...”

⁵ Cf. Ruy CASTRO. Op.Cit.

⁶ A Noite, Rio de Janeiro. 05 de maio de 1939. p.2

Nas palavras de Carmen, sua tarefa era representar o Brasil no exterior, levando com orgulho aquelas que seriam as marcas da nacionalidade. Sintomaticamente, estas seriam, para ela, aquelas afro-descendentes, como a comida negra e especificamente baiana. Assim, a cantora acaba incorporando as raízes afro-brasileiras em seu discurso ao mencionar quais seriam os temperos autênticos do Brasil – como explicita no restante da entrevista:

“E vão comigo seis baianas repinçadas, isto é, vou levar seus fantasias representando a gente do Bonfim... Mande caprichar nesses trajes da nossa terra. Tenho feito tudo para que a música e a baiana sejam uma bomba para aquelas bandas.”⁷

A própria artista, quando fala o que vai exportar, localiza na Bahia seu foco. Sua opção por utilizar o estado como berço da verdadeira nacionalidade acabou, desse modo, por recuperar uma tradição afro-brasileira que estava no centro da discussão sobre a formação da população brasileira. A cantora incorporava em sua trajetória a identidade de baiana que nesse momento não se restringia mais a província da Bahia, mas na noção de que a baiana era uma representante legítima do Brasil, ou seja, aquela figura que representa o brasileiro, fosse ele de qualquer região. Todos esses temperos que Carmen cita, sem exceção, são da “gente do Bonfim”. Ainda que estivesse indo representar o Brasil nos Estados Unidos, ela levava suas roupas de baiana, e juntava em sua personagem características bem definidas para exportar a imagem do seu país. Dessa forma, a artista acaba por tomar como eixo de representação a consolidação dos símbolos da baiana, como suas comidas, as saias rodadas e a gente do Bonfim, que tem origem africana e significados originais diversos àqueles incorporados por Carmen.

A partida dela para o país vizinho se liga a um processo que se inicia com a chamada Política de Boa Vizinhança entre os Estados Unidos e o Brasil, instaurada a partir do final da década de 1930. Essa política se caracterizava por uma forte atuação econômica norte-americana nos países da América Latina. Sua estratégia era o incentivo e a valorização das marcas culturais dos países os quais pretendia se aproximar para manter relações comerciais e políticas de fidelidade.

⁷ Diário de Notícias, 29 de abril de 1939.

A Feira Internacional de Nova York foi um dos ambientes em que tal intenção se materializou⁸. Como representante da nacionalidade, a cantora incorporaria definitivamente os adereços e vestimentas que a caracterizavam, capazes de singularizá-la frente a outros tipos nacionais. A construção da personagem que Carmen levou aos Estados Unidos, a baiana, foi assim fruto de um diálogo interno, com as tradições negras brasileiras que se associavam ao fortalecimento do samba, como externo – na necessidade de definir uma imagem unívoca e positiva do país na Política de Boa Vizinhança.

No esforço de perseguir as tradições culturais que desaguaram na figura da baiana de Carmen Miranda, o presente trabalho entendeu que “os símbolos podem significar muitas coisas ao mesmo tempo, que eles podem ocultar e simultaneamente revelar seus sentidos”⁹. Tentar definí-lo seria o mesmo que fazer uma análise reducionista do processo que a caracterizou como símbolo de identidade nacional brasileira. De acordo com essa perspectiva, a própria imagem por Carmen exportada, passou por processo semelhante de reconstrução ao entrar em contato com um universo distinto. Em 1944, em uma de suas visitas ao Brasil, a revista Cruzeiro fez uma matéria com a intérprete que demonstra não só a incorporação definitiva por ela feita de alguns adereços do personagem que a consagrou, como os desdobramento desse movimento:

⁸ António Pedro TOTA. Op.Cit.

⁹ Robert DARTON. Op.Cit. p.299.



Carmen Miranda para a revista Cruzeiro em 1944. FONTE: Cruzeiro. 15 de abril de 1944.

Nessas imagens divulgadas pela revista, podemos perceber ainda os ecos dos traços da baiana que ela criou para interpretar a letra de Caymmi. Porém, os anos demonstraram um movimento de reformulação de tais elementos, onde a baiana já aparece como referência distante. Pequenos cordões e pulseiras, as roupas mais elaboradas – como a utilização das fendas, que indicam uma sensualidade na sua interpretação – e variados tipos de turbantes, não apenas com frutas, mas outros adereços que em nada se pareciam com as antigas baianas quitandeiras. Carmen continuava assim, a moldar a lógica geral de sua roupa, porém, os referenciais de etnicidade e identidade propriamente baiana já haviam desaparecido de todo, embora suas sombras continuassem ali. Carmen reformulara sua indumentária e nesse momento se assemelhava mais com uma rumbeira do que com a personagem brasileira. Esse processo sugere que a cantora representaria em solo norte-americano não exclusivamente a cultura do Brasil, mas o latino-americano de uma maneira geral. Tal distanciamento indica um

processo semelhante de buscar em referenciais simbólicos já difundidos formas abrangentes de se apresentar.

Ficam mais claros, assim, os caminhos que permitiram que a jovem Carmen se transformasse, já em 1939, em uma reconhecida “embaixatriz” da música popular brasileira. Sem ser o fruto da ação de sujeitos únicos – como o rádio, os intelectuais ou o Estado – o sucesso de Carmen Miranda foi construído em uma trajetória permeada por embates e negociações entre culturas e experiências diversas – sendo ela própria um símbolo caracterizado pela sua diversidade. Assim, ela pode ser vista como o resultado social de um processo que, ao mesmo tempo que fez dela uma estrela capaz de representar o Brasil no exterior, permitia que brasileiros de estratos sociais e regiões diversas, antes excluídos da imagem nacional, pudessem nela se reconhecer.